

Levantes no interior

Fora dos grandes centros, brasileiros se levantaram contra o golpe em ações independentes de grandes legendas

Por Redação

Elas não pertenceram às mais conhecidas organizações de luta, pois resistiram ao golpe e à ditadura longe de grandes cen-

e horrores, histórias que agora são resgatadas e registradas, mas que poucas vezes naquele período de chumbo chegaram ao conhecimento do grande público ou foram manchetes em jornais. *Caros Amigos* reuniu algumas que certamente não representam o conjunto de toda a insatisfação contra o golpe que se alastrou de Norte a Sul, Leste a Oeste.

Em Ribeirão Preto (SP), entre 1967 e 69, ocorreu uma das resistências interioranas mais emblemáticas, que fez com que os ditadores criassem na cidade uma espécie de sucursal da Operação Bandeirantes (Oban), que levou para lá o torturador Sérgio Paranhos Fleury e resultou em centenas de prisões em um único dia, incluindo de freiras e sacerdotes - as prisões de religiosos, por sua vez, fizeram com que o arcebispo da cidade, Felício Cesar da Cunha, excomungasse os delegados Renato Ribeiro Soares e Miguel Lamano, este último apontado como um dos maiores torturados da ditadura. Foi dessa investida da repressão que o Brasil conheceu um pouco a luta e os horrores da ditadura pelo interior: a prisão por vários meses, tortura e expulsão do País da Irmã Maurina (Maurina Borges da Silveira morreu em 2011, aos 84 anos, em um convento em Araraquara, próxima a Ribeirão Preto). A comoção nacional que o caso provocou afundou ainda mais o moral dos ditadores perante a sociedade, que já se mantinham no poder pela violência e roubo de direitos civis, e fez com que figuras como Dom Paulo Evaristo Arns, da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entrasse na briga pelo fim da ditadura.

A prisão da freira franciscana em 1969 foi devido a um suposto envolvimento dela com o grupo Forças Armadas de Libertação Nacional (Faln), uma dissidência local do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que preferiu se manter independente das grandes legendas de esquerda e atuar na região - as Faln chegaram

a ter militantes em quase 40 cidades da região, entre eles, camponeses, estudantes, intelectuais, metalúrgicos e outros. Segundo o historiador Marcos Escrivão, que pesquisa a resistência da ditadura na região de Ribeirão Preto, Irmã Maurina foi perseguida, presa e torturada porque ela permitia que “estudantes” se reunissem no orfanato Lar Santana, onde ela atuava como freira. Escrivão afirma, porém, que nunca foi provada qualquer ligação da religiosa com a organização, embora reforce que a freira defendeu as Faln até a morte, em 2011. Irmã Maurina foi solta em 1970 junto a um grupo de presos políticos, libertados como resgate do sequestro do cônsul japonês Nobuo Okuchiem, pego por militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e Resistência Democrática (Rede), além de possível participação do Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), formado por sargentos do Exército, como registra o livro *Faln, a Guerrilha em Ribeirão Preto*, de Marcelo Botosso.

As Faln mantinham o jornal *O Berro*, com o qual divulgava suas ações e luta contra a ditadura e passou a realizar ações ousadas, como explodir bombas próximo a cinemas e teatros e com panfletos que traziam denúncias sobre o regime. “Eu distribuía o jornal e saía na madrugada para pichar”, conta o militante Djalma Carvalho. A madrugada, aliás, era uma aliada. “Na capital a gente está mais protegido. Você sai na rua e ninguém te conhece. Agora no interior... Só era possível se fosse de madrugada”, acrescenta. Os membros das Faln faziam treinamento de guerrilha e sobrevivência na mata.

O historiador Tito Bellini, do projeto Memória da Resistência, que também pesquisa e estuda o período na região, confirma o tanto que as Faln incomodaram a ditadura a ponto de, em 1969, ser criada a “filial” da Oban na cidade. “Foi um verdadeiro salão de tortura”, destaca Bellini, o que, para ele, torna o município peculiar, pois, até então, os calabouços oficiais ficavam na capital São Paulo - em 1970, a Oban se dissolve no Destacamento de Operações e de Informações-Centro de Operações de Defesa Interna, ligado ao Exército Brasileiro (DOI-Codi). O próprio projeto de Bellini surgiu de outro achado dos tempos da ditadura: um cortador de cana e estudante de história localizou em uma

tros, como o eixo Rio-São Paulo, onde os movimentos de resistência tiveram maior visibilidade. O interior brasileiro também se rebelou contra os golpistas em ações, armadas ou não, que resultaram em mais atrocidades

fazenda no município de Jaborandi documentos confidenciais, correspondências e fichas de militantes, entre eles alguns das Faln, presos ou desaparecidos - a fazenda pertencia ao ex-delegado Tácito Pinheiro Machado, apontado como repressor pelo grupo Brasil Nunca Mais e que, além de atuar em delegacias no interior paulista, dirigiu o Departamento de Ordem Política e Social (Dops) e foi chefe de gabinete da Secretaria de Segurança Pública; Machado morreu em 2005, aos 79 anos, depois de pedir ao filho que queimasse os papéis daquele período (uma parte dos documentos resistiram ao fogo e atualmente estão no Arquivo Público de São Paulo).

SEQUESTRO DE USINEIRO

As Faln planejaram o sequestro de um usineiro na vizinha Sertãozinho (que não teve o nome relevado), que serviria como moeda de troca para que o grupo tivesse espaço na grande mídia, principalmente televisiva. Djalma Carvalho e mais dois companheiros tiveram a missão de concretizar a ação. Mas a tentativa de sequestro, que não aconteceu, foi a derrocada da organização. “Na época a gente preparou a ação, mas não tinha nem carro para fazer o sequestro”, lembra Carvalho. Sem sucesso, ele e mais dois amigos acamparam no meio do mato, próximo à fazenda do usineiro. O militante acredita que alguém na época passou, os viu acampados e chamou a polícia. “Ainda amanhecia quando os policiais chegaram. Eu fui um dos primeiros a ser preso”, lembra o militante. Próximo da área onde foram detidos, os policiais encontram o diário de guerrilha de Carvalho, que estava enterrado perto do acampamento que montaram. A exemplo do diário de Che Guevara, que inspirou muitos jovens, em seu diário o militante fazia anotações sobre sua experiência nas Faln. “A organização era pequena, não tínhamos nenhuma infra-estrutura; ninguém com experiência de guerrilha. Todo mundo novo, estudante, numa cidade pequena”, lembra Carvalho. Naquele dia de outubro de 1969, a ditadura realizaria 500 prisões na cidade e região.

TORTURAS

“Num primeiro momento, eu apanhei muito, sem abrir a boca. Mas não por causa de ideologia. Eu estava em pânico. Não imaginava que aquilo aconteceria”, desabafa Carvalho. “A gente não estava preparado para ser torturado”, reconhece o militante. Contudo, há quem alegue que as Faln caíram por causa de seu diário, mas o militante faz questão de rebater a acusação. “Alguns chamam a organização até hoje de ‘Jardim de infância da guerrilha’. Mas mesmo os outros grupos, com toda a experiência, cometeram infantilidades. Oras, quantos líderes de organizações não foram enganados por infiltrados e o cara prendeu ele depois?”, questiona. E continua: “Não foi o diário que destruiu as Faln. Porque se ele o fez, mostra que o próprio grupo era frágil.” O militante ficou por dois



Documentos da ditadura achados em Jaborandi (SP)

anos na prisão de Tiradentes, em São Paulo, entre 1969 e 1971. Depois, voltou a militar na capital paulista e foi preso novamente. Até hoje se considera um militante. “Detesto quando me classificam como ‘ex isso ou ex aquilo’”, conclui.

Além do diário de Carvalho, outro diário foi apreendido durante as prisões nas casas de militantes da região de Ribeirão Preto. Nele constavam anotações sobre as ações no jornal *O Berro*, citando, inclusive, os assinantes do periódico. Um dos nomes que estavam nesse outro diário encontrado era o do poeta Edson Senne. Ele

“Foram poucos os
que resistiram militarmente
à ditadura. Éramos um
exército que cabia
num Volkswagen”

publicou no jornal uma poesia dedicada ao estudante secundarista Edson Luiz, morto em um protesto em 1968 no Rio de Janeiro - os versos dizem “Em março é belo o crepúsculo/ na praia do Boqueirão/ Mas o pranto apaga tudo/ medo embarga a claridão/ era um farsante, um bandido.” Depois de dois dias sendo torturado e interrogado, numa espécie de inquisição, como ele próprio adjetivou, “os caras” concluíram que Senne não tinha nenhum envolvimento com a guerrilha. “Fiz muito poema de cunho social, mas nada que pudesse assustar a ditadura”, acredita. Ao final de tudo, o regime ditatorial assustou mais que a poesia de Edson Senne, um exemplo da conhecida burrice dos ditadores na ânsia contra “os inimigos da pátria”.

A maioria dos militantes das Faln passaram entre dois e cinco anos na prisão; por ser identificado como coordenador do grupo, Vanderley Caixe cumpriu cinco anos; o camponês Mario Bugliani ficou quatro anos preso e Aurea

Moretti, três anos.

CORRENTES

Uma organização cuja particularidade foi a aproximação com os movimentos de massa é a Corrente Revolucionária de Minas Gerais, que teve como proposta a guerrilha. Segundo o pesquisador desse grupo, Luis Fernando Figueiredo Ramos, a organização foi a única organização no interior que dialogou diretamente com os operários. Contudo, grande parte do movimento estava concentrado em Ouro Preto em razão do envolvimento com os estudantes. Um dos momentos notáveis da organização, ressalta Ramos, foi na greve de Contagem, em 1968, cuja repercussão nacional obrigou o governo ditatorial a dialogar com os grevistas.

Fortemente influenciados pela experiência de guerrilha em Cuba, a organização chegou a fazer uma ou outra atividade com armas em 1968. Ramos explica que o plano da Correntes era, a médio prazo, instaurar a guerrilha no campo, para isso, o objetivo era chegar até outras cidades do interior mineiro, como Governador Valadares, Montes Claros e Juiz de Fora. A Corrente foi organizada pelo jornalista e militante baiano Mario Alves de Souza Vieira, que aos poucos passou a divergir do restante do movimento e por isso partiu para o Rio de Janeiro, organizando o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Vieira integra a lista de desaparecidos políticos. “Foram poucos os que resistiram militarmente à ditadura. Éramos um exército que cabia num Volkswagen”, compara o militante da Correntes, Ricardo Apgaua. O movimento deixou de existir em 1969; após sua desarticulação, a legenda mineira é incorporada à Ação de Libertação Nacional (ALN), no início dos anos 1970.

CENA DE FILME

Em Campinas, também no interior paulista, antes de 1968, houve um movimento forte de resistência à ditadura nos sindicatos, como explica o historiador e pesquisador do período na cidade, Augusto Buonicore. “Mas essa resistência mais intensa é ainda em 1964. Depois, quando vem o AI-5, muitos sindicatos vão sofrer intervenção”, explica ele. Somente em 1966 começam as mobilizações no movimento secundarista em escolas estaduais e, em 1967, com os estudantes da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Um dos militantes do movimento estudantil em Campinas foi Alcides Mamizuka, que participou ativamente e foi preso no Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Ibiúna, em outubro de 1968. Já na clandestinidade, precisou migrar para São Paulo a fim de se “proteger”. Na capital, as relações com as organizações de esquerda se estreitaram ainda mais. O militante ajudava, principalmente, em distribuição de panfletos contra o regime e na impressão de material de guerrilha. Tudo caminhava bem, até que os membros do DOI-Codi descobriram onde ele e

seus companheiros moravam. Na madrugada do dia 17 de fevereiro de 1971, todos foram presos.

Mamizuka foi torturado com cadeira de dragão e levou muita pancada. No segundo dia preso, foi levado para um encontro forjado com um companheiro da organização. “Era minha oportunidade de fugir”, lembra Mamizuka, narrando a cena que poderia estar em um filme de ação se não fosse real e trágica. “Chegando no local do encontro, na hora marcada, surgiu o meu companheiro em um Fusca. Assim que ele parou me joguei dentro do carro e pedi que ele acelerasse pois estava preso na Oban. Assim que o veículo acelerou, começaram a atirar. Um dos tiros acertou as minhas costas e outro a mão do meu companheiro que dirigia. Em consequência perdeu a direção e colidiu numa árvore. Nesse momento caí do banco e recebi um segundo tiro no pé direito. Outro soldado apontou para meu peito e puxou o gatilho, mas felizmente a bala falhou. Ele engatilhou de novo, quando veio um oficial e ordenou que não me executasse. Aí o soldado mirou nas minhas virilhas e atirou. Felizmente não conseguiu o intento de me castrar e apenas perfurou minhas nádegas”, detalha o militante. Depois de escapar da morte e ser preso, Alcides Mamizuka volta a Campinas, onde continuou na militância e nos anos 1980 foi um dos fundadores do PT na cidade, pelo qual se elegeu vereador em 1982. Hoje, fora do PT, ele é uma das vítimas da ditadura mais conhecidas na cidade.

ABUSOS

“Até hoje eu sou estigmatizado em Piracicaba como ‘comunista’ por ter lutado contra a ditadura”, afirma o jornalista Cecílio Elias Netto, que fora dono dos jornais na cidade do interior paulista *Folha de Piracicaba*, no início da década de 1960 até 1967, e *O Diário*, de 1967 a 1982. A vida desse jornalista, hoje com 74 anos, se confunde com a de outros tantos jovens que ousaram interromper o fluxo da história enfrentando a repressão, seja em grupo ou isoladamente, colocando o interior na rota da resistência contra a ditadura civil militar no Brasil.

Cecílio também militava na Juventude Comunista do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em Piracicaba, cidade que tinha ainda a movimentação de estudantes da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), palco de polêmicas e manifestações, e despontou nacionalmente como uma peça de resistência ao abrigar o Salão Internacional de Humor, que se tornou uma janela de liberdade de expressão e reunia nomes como Ziraldo, Henfil, Zélio, Jaguar, Millôr, entre outros. A cidade também desafiou os ditadores ao abrigar dois congressos da UNE clandestina nos estertores do regime ditatorial - um em 1980, que elegeu presidente



Cecílio Elias Netto

FOTO: RODOLFO FORMIGARI

o atual ministro do Esporte, Aldo Rebelo (PCdoB) e teve Lula como convidado, e outro em 1982.

Os jornais de Cecílio sempre foram pedras no sapato para os militares com manchetes como “Censura à imprensa e prisões marcam novos Atos” e listando os primeiros presos políticos logo após o Ato Institucional número 5 (AI-5). Seus artigos lhe renderam inúmeras prisões no Grupamento do Exército de Campinas (GECam), cidade a cerca de 70 quilômetros de Piracicaba, e uma “sede regional” da ditadura, que recebia presos de toda a região e onde também eram torturados. “Fui levado inúmeras vezes para lá. Me mandavam tirar a roupa. Diziam que iam me estuprar”, lembra Cecílio. “Estão

“Na capital a gente tá mais protegido. Você sai na rua e ninguém te conhece. Agora o interior... Só era possível se fosse de madrugada”

bem acomodados?”, perguntava um general. “Mas nossos soldados estão lá com suas mulheres fazendo uma festa com elas”, aterrorizavam os militares. “Dava um desespero tremendo, porque, na época, a Folha de Piracicaba incomodava muito o regime”. Mais tarde, em 1965, Netto foi processado por subversão pela Lei de Segurança Nacional. “Arrisco dizer que fui o primeiro no interior a ser julgado por essa lei”. Tempos depois, o jornalista teve dimensão do que seu trabalho significou na época: “Descobri que o meu dossiê no Dops estava junto ao de Luiz Carlos Prestes”, ressalta ele, com orgulho.

Entretanto, enfrentar e resistir à ditadura geraram consequências que mudaram sua vida: “Fiquei quase dois anos em prisão domiciliar, o que destruiu um casamento feliz de mais de 20 anos”. A esposa dele teve uma forte

depressão. “Ligavam em casa dizendo que seguiam todos os passos dos meus filhos. Ela não aguentou.” Após se divorciarem, ela veio a falecer, acredita, por desgosto. “Perdi tudo, mas continuei lutando, como faço até agora”, diz ele.

RESISTÊNCIA NO SUL

No estado gaúcho, berço de Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola, vários movimentos de resistência se levantaram, como o Grupo dos 11, ligado a Brizola e que apoiava as reformas de Jango, embora não fossem de esquerda. “O Rio Grande do Sul é um dos estados onde a atuação dos chamados ‘Grupo dos 11’ será muito forte, principalmente no interior”, explica Ananda Fernandes, historiadora no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Outra legenda que teve intensa participação no Estado foi a Ação Popular (AP), atuando nas zonas de fronteira, mas também o independente M3G (Marx, Mao, Marighella e Guevara). “Além do Grupo dos 11, o Rio Grande do Sul contará com o M3G (Marx, Mao, Marighella e Guevara), que será a única organização que pegará em armas, com ações na grande Porto Alegre”, explica. O M3G existiu de 1969 a 1970 e foi organizado pelo militante Edmur Péricles Camargo, cujo codinome era Henrique Villaça - de acordo com o site Desaparecidos Políticos, Camargo foi preso em 1975 na Argentina e nunca mais foi localizado.

Em junho de 2013, a Comissão Nacional da Verdade teve acesso aos arquivos da Justiça do Rio Grande do Sul sobre o ex-taxista e militante do grupo M3G, Ângelo Cardoso da Silva, que morreu em 22 de abril de 1970. Na época, ele foi “encontrado” morto com um lençol no basculante da janela do banheiro onde estava preso. O detalhe era que a cela onde ele foi encontrado tinha um metro e 30 centímetros de altura, sendo muito improvável dar sustentação ao um possível suicídio por enforcamento. Na ocasião da denúncia da Comissão da Verdade, o legislador Hélio Antônio Rossi de Castro concluiu que o ex-taxista foi asfíxiado.

Correligionários do mesmo Grupo dos 11, mas no Acre, capitaneados pelo próprio governador, José Augusto, descrito como simpatizante de Marx e Lenin, também resistiram ao golpe e chegaram a tomar rádio e quartel na capital Rio Branco. A resistência acreana acabou quando Jango decidiu deixar o Brasil para evitar derramamento de sangue, como alegou, e Brizola também partiu.

Ainda há muito o que pesquisar e descobrir, mas certo é que o Brasil todo, pelo interior ou nas capitais, deu seu recado aos ditadores deixando claro o que queria, mas que só viria 21 anos depois. ©

Com reportagem de Amanda Cotrim